



Memória e identidade no bairro Dom Bosco: estudo de caso com método de fotocartografia sociocultural¹

Karina KLIPPEL²

Bruno FUSER³

Paulo César Rosa da SILVA JR.⁴

Luisa Campio PINHA⁵

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente artigo faz uma análise das fotografias produzidas por jovens em uma oficina de audiovisual desenvolvida em 2009 pelo Projeto “Comunicação, Memória e Ação Cultural”. Utilizando a fotocartografia sociocultural como método de pesquisa, buscamos entender um pouco da visão, em relação à própria cultura, de uma das gerações presentes no bairro. A partir dela, foi possível concluir que a produção da memória e construção da identidade são processos que acontecem interligados, e que se dão preferencialmente, na perspectiva de construção da cidadania cultural, no momento em que o próprio morador vence o preconceito, em relação à sua cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Fotocartografia sociocultural; Comunicação; Memória; Cidadania; Identidade

INTRODUÇÃO

Este artigo relata e discute atividades que integram o projeto "Comunicação, Memória e Ação Cultural", que desde 2008 desenvolve no bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora-MG, atividades de extensão e pesquisa. Com o intuito de resgatar a história da região e contribuir para a construção das identidades individual e coletiva, são realizadas oficinas de audiovisual, que visam estimular a criatividade e a expansão do conhecimento dos participantes.

Inicialmente, essas oficinas foram desenvolvidas com idosos, com participação de integrantes de outras gerações para ajudar na reunião de documentos sobre a história da coletividade e, principalmente, na reunião de fotografias de narrativas de vida no e

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UFJF, bolsista FAPEMIG de Iniciação Científica, email: karina.klippel@gmail.com

³ Orientador do trabalho, professor adjunto da UFJF, email: bruno.fuser@ufjf.edu.br

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UFJF, bolsista de extensão da UFJF, email: pauloc.rosajr@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UFJF, bolsista de extensão da UFJF, email: luisacpinha@gmail.com



do bairro. Finalizado este primeiro momento, a nova fase de atividades começou a envolver jovens e adultos em oficinas audiovisuais e de informática.

O processo, realizado com meninas entre 13 e 16 anos, pela primeira vez em 2009, entre os meses de março e junho, mostrou-se importante, à medida que permitiu que as jovens tivessem um primeiro contato com essa tecnologia digital (SANTOS & FUSER, 2009). As oficinas eram (e são) realizadas em espaço cedido pelo desde então parceiro do projeto, o Grupo Espírita Semente. A instituição, atuante no bairro com ações assistenciais, atividades educativas e religiosas há mais de 30 anos, tornou viável a execução de nosso trabalho.

Intervir junto a diferentes gerações presentes no bairro permite perceber como cada grupo geracional lida com a situação econômica, social e cultural em que se encontra. Por isso, o projeto continua ativo no bairro, com atividades de pesquisa e extensão, tentando manter e estimular produções culturais que sejam distintas da concepção massiva de cultura, de arte e entretenimento. Uma das atividades atualmente desenvolvida, justamente, é nova oficina de produção audiovisual com jovens adolescentes, entre 13 e 16 anos, com o mesmo parceiro de 2009, o Grupo Espírita Semente. Iniciada em abril de 2012, deve ter seu primeiro módulo finalizado em junho, e o segundo está previsto para agosto a outubro de 2012.

O presente artigo, com base em análises e interpretações anteriores, abordará noções referentes à narratividade presente na imagem: como ela é capaz de traduzir o que está em nosso consciente e subconsciente. A partir da análise das fotografias capturadas por moças adolescentes que participaram da oficina em 2009, pretendemos apresentar e discutir a visão destas jovens sobre si mesmas, sua situação cultural e socioeconômica, três anos depois de terem produzido tais imagens. O que elas buscaram representar naquele momento, quais sentidos conferem à produção anterior, o que essas mesmas imagens representam para elas hoje. Novos olhares, em momentos distintos, e que permitem perceber as diferenças causadas nesse lapso temporal, especialmente importante em jovens adolescentes.

Dessa forma, pretendemos discutir de que maneira moradores do Dom Bosco analisam as fotografias que eles mesmos produzem, e nas quais estão presentes, de maneira mais ou menos clara, as marcas de suas identidades, em um bairro pobre e que vive os dilemas e problemas dessa situação, mas que também apresenta imagens da alegria de viver.



METODOLOGIA: A FOTOCARTOGRAFIA SOCIOCULTURAL

As imagens produzidas pelas jovens do Dom Bosco serão apresentadas e analisadas a partir de determinadas perspectivas teórico-metodológicas. Um dos principais referenciais nossos, nesse sentido, é a discussão que Itamar Nobre (2011) propõe da fotocartografia sociocultural como proposta metodológica que pode ser utilizada como representação analítica de uma determinada região.

Fotocartografar, explica Nobre (2011), não significa exclusivamente fotografar, e sim realizar a fusão entre duas áreas que envolvem objetividade e subjetividade. Fotografia e cartografia, juntas, tornam-se parte de "um mapeamento fotográfico investigativo, que associa técnicas, tais como registro fotográfico, observação, entrevista, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, não necessariamente nesta ordem" (NOBRE, 2011, pág 58). Tal mapeamento exige a aproximação física e emocional do pesquisador-cartógrafo ao referente estudado, com responsabilidade ética de pesquisa, para conhecer - ou mesmo vivenciar - as experiências socioculturais de um determinado grupo.

O termo cartografia, proveniente da Geografia, nos remete à elaboração de mapas. No entanto, esse mapeamento não é restrito a territórios. Diversos campos das Ciências Humanas têm utilizado esta técnica para entender a subjetividade presente tanto nas relações sociais, quanto nas representações simbólicas do mundo. Autores da área de Serviço Social, como Aldaiza Sposati, e trabalhos efetuados pelo Observatório Permanente de Desenvolvimento Social de Aveiro – Portugal (OPODS) reforçam ideia de que a cartografia social favorece uma percepção mais clara do “lugar” representado, servindo não só como elemento de análise geoquantitativa, mas também como instrumento de representação das dinâmicas sociais e ambientais ali presentes.

Dessa forma, assim como Nobre demonstra a possibilidade de se utilizar essa metodologia, em pesquisa sobre a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (RN), justificamos o uso da fotocartografia sociocultural neste trabalho: através da análise e coleta de imagens pretendemos tornar a realidade do Dom Bosco acessível para aqueles que conhecem o bairro apenas por nome, que o usam como local de passagem ou mesmo para quem nunca o viu antes e que, até a leitura desse material, não tinha a menor ideia do que se tratava.

A fotocartografia pode ser entendida como uma forma de produção e análise de dados. O uso exclusivo de imagens produzidas por moradores do bairro permite que o



estudo se aproxime daquilo que é observado, que surge, assim, não apenas na imagem, mas desde a escolha e na forma como aquilo é mostrado.

Fizemos inicialmente um mapeamento do bairro, por meio de “uma operação de topografia que consiste em um percurso no terreno, com determinação necessária dos pontos característicos do itinerário, ou seja, fazer um levantamento do caminho” (LIBAULT, 1975, p.18). Para, em seguida, separar as imagens produzidas pelas meninas, com os seguintes indicadores socioculturais: cotidiano, pobreza, família, religiosidade e adolescência.

Estes indicadores, criados a partir dos estudos a respeito do bairro e da observação e análise das imagens selecionadas, também fazem parte do método da fotocartografia sociocultural, que relaciona fotografia, antropologia visual e cartografia. Diversos autores utilizam a fotografia como ferramenta de coleta de dados, mas, para fundamentar esta estratégia metodológica, Nobre (2011) utiliza especificamente Roland Barthes, Boris Kossov, Claude Lévi-Strauss, Bronislaw Malinowski, Erwin Raisz e John Collier Jr.

MAPEAMENTO DO BAIRRO: O DOM BOSCO, EM JUIZ DE FORA

Na época da mineração, Minas Gerais foi a maior província escravista do país. A decadência da época da mineração facilitou o desenvolvimento de fazendas e o investimento na produção cafeeira. Juiz de Fora, situada na Zona da Mata Mineira, recebeu investimentos na expansão das plantações de café. Por essa razão, entre 1850 e 1870, acabou se tornando a cidade com maior população de escravos de Minas Gerais: eles representavam 60% da população (MARIOSIA, 2009 p.27).

A formação de quilombos em resistência aos senhores era comum no período escravagista. Eles se reuniam em regiões mais afastadas, na tentativa de fazer viver sua cultura. No entanto, as fazendas de café entraram em declínio, e em 1920 a população negra, situada nas regiões mais rurais de Juiz de Fora, começou a sair em busca de moradia na cidade. Sem condições de se inserir como mão-de-obra nas indústrias em expansão, que absorviam trabalhadores imigrantes europeus, e discriminados tanto por estes como pelos governantes, tais populações precisaram se reunir nas periferias.

O Dom Bosco foi um dos bairros da cidade com população inteiramente constituída de pessoas negras. Entre as várias versões do surgimento do bairro, as mais aceitas, por idosos, que recordam as raízes de urbanização do Dom Bosco, está associada a figura de Vicente Beghelli. Para os moradores, foi ele quem iniciou a ocupação da região e criou o bairro, aproximadamente em 1927.



Vicente Beghelli era um padre vicentino, italiano, e que teria vindo para Juiz de Fora e comprado toda a área da então fazenda que ia da Rua Cinco de Julho até o conhecido Chapadão, região mais alta do bairro. Segundo moradores, depois de comprar as terras, Vicente Beghelli teria erguido uma capela, dedicada a Dom Bosco, ao lado de onde, logo depois, foi feito um campo de futebol. Os administradores da capela doaram parcelas dessa grande área, já loteada, às irmãs vicentinas, que construíram uma creche e um abrigo para idosos. Vicente Beghelli também vendeu parte dos lotes e mesmo fez doações a pessoas - quase na totalidade, afrodescendentes - que não tinham lugar para morar.

O nome da igreja acabou por ser utilizado para identificar o ainda em formação bairro Dom Bosco, chamado inicialmente de Serrinha, entre outras denominações. A doação de terras dos vicentinos a atuais moradores e familiares, que herdaram esses lotes, colaborou para o grande contingente populacional com casas próprias na região. No entanto, o bairro não tinha infraestrutura: sem água encanada, rede de esgoto, energia elétrica e serviço público, os moradores tinham péssima qualidade de vida. Para construções, lavar roupas, ou para qualquer coisa que necessitasse de água era preciso buscar nas minas: na Bica do Gentil, na Bica Cururu e na Bica da Avenida Presidente Itamar Franco (antiga Avenida Independência), ao lado do Hospital Monte Sinai, que ainda existe, mas sem condições de uso.

A inauguração da rodovia BR-040, em 1983, trouxe investimentos para a região. Fato que resultou em ruas asfaltadas, e em algum desenvolvimento em saneamento básico. Mas, para os moradores, ainda falta muito o que melhorar. Cercado de equipamentos e serviços públicos e privados, o bairro na maioria das vezes é excluído do acesso aos mesmos. Está localizado entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Associação de Combate ao Câncer de Juiz de Fora (ASCOMCER), o Shopping Independência, o Hospital Monte-Sinai e condomínios de luxo das proximidades - alguns com "vista para a Universidade". A UFJF, por sua vez, se expande e moderniza, está em fase de concluir mais um novo prédio, este exatamente no topo de um morro, em cuja encosta está uma das partes mais pobres da região, o íngreme Morro do Cabrito, onde não chega ônibus nem há coleta de lixo. Todos esses estabelecimentos transformam o Dom Bosco num bairro de passagem, estigmatizado pela mídia em geral como região violenta e que vai se transformando em objeto de cobiça da especulação imobiliária, interessada em desalojar os pobres que moram ao lado de região nobre da cidade.



INDICADORES, ENTREVISTAS, FOTOGRAFIAS

A observação das fotografias produzidas pelas jovens, somada ao mapeamento desenvolvido no bairro, nos conduziu à definição de cinco temas: pobreza, religiosidade, família, adolescência e cotidiano. Todos interligados, mas cada um deles merece uma análise individualizada.

Após reunir e estudar as fotografias, selecionamos aquelas que, na nossa avaliação, melhor representavam os temas mais recorrentes nas imagens. Nossa estratégia de aplicação da metodologia de fotocartografia sociocultural incluiu retomarmos o contato com as jovens, para refletir sobre aquelas imagens produzidas três anos antes, esclarecer, compartilhar ou discutir questões que surgiram na análise das fotos, ou mesmo trazer novas dúvidas sobre o dia-a-dia dessas jovens na tentativa de construir o mapa sociocultural do bairro.

Sem explicitar previamente às meninas quais eram os elementos que formavam nossos indicadores, pré-formulados mas passíveis de alterações no processo que se desenvolvia, entrevistamos duas das oito participantes da oficina realizada entre março e junho de 2009. Andreska e Angélica foram as únicas jovens com quem conseguimos contato até a redação deste artigo. Durante as entrevistas, os indicadores criados por nós foram reforçados e mostraram que nossos observados produziram imagens altamente comunicativas.

Tanto para Andreska quanto para Angélica, os temas das imagens eram produzidos quase que casualmente, e dentro de uma dinâmica que seguia uma determinada rotina (SANTOS & FUSER, 2009). Segundo elas, “saíamos para fotografar sem propósitos” - o objetivo era justamente que elas se sentissem como produtoras de cultura. Com as imagens foram produzidos vídeos, que contaram com a participação delas na escolha de tema, seleção de imagens, de músicas. Mas, como nem elas, nem a maioria das outras meninas tinha contato com máquina fotográfica antes da oficina, nosso trabalho traz a visão de uma geração que nasceu dentro do contexto da era digital – elas têm hoje entre 16 e 19 anos - mas que tem pouco acesso às tecnologias. E que, com trabalhos como este, mostram sua visão de mundo para si mesma e para os demais segmentos da sociedade.

Adolescência

Em algumas culturas a adolescência é um período marcado por ritos de passagem, variando de acordo com o meio social envolvido. Da mesma forma, o período etário da adolescência está diretamente relacionado à sociedade, à cultura e às



épocas nas quais o indivíduo está inserido. A Organização Mundial de Saúde, por exemplo, estabelece a idade da adolescência entre 10 e 19 anos; já o Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiro determina para a fase o intervalo etário que vai dos 12 aos 18 anos.

Do ponto de vista sociológico, no entanto, a adolescência representa um período no qual a sociedade deixa de perceber o indivíduo como criança, mas ainda não o posiciona como adulto. E para a psicologia, este intervalo da vida pode ser entendido como um período em que ocorre uma extensa reorganização psíquica, na qual as principais consequências estão ligadas a mudanças biopsicossociais.

Essas transformações são explicadas pela psicanálise tomando por base a sexualidade como influência primária. Para Eliana Garritano,

Ao propor a sexualidade como infantil, [Sigmund Freud] define que esta é constitutiva do sujeito como uma disposição psíquica universal, pois é a partir dela que o sujeito advém. A possibilidade orgânica da genitalização coloca em questão o despertar das fantasias edípicas e o reordenamento da pulsão, metamorfoseando o corpo e o psiquismo. Tais transformações geram flutuações, onde o mais familiar dos objetos ou mesmo o próprio corpo perdem sua evidência, para ressurgirem como absolutamente estranhos. Este apagamento provoca no adolescente uma vacilação tanto narcísica quanto objetual (GARRITANO, 2008, p.46).

O prolongamento ou não desta fase da vida está associado justamente às condições financeiras - quanto mais ricas as comunidades, maior é a duração da adolescência (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002 *apud* PRATTA & SANTOS, p. 253). No caso de comunidades que convivem com a pobreza, como o Dom Bosco, a necessidade de se contribuir em geral desde criança para o sustento da casa e/ou em atividades domésticas, além de afastar esses jovens da escola, obriga-os a amadurecer mais cedo. Esse amadurecimento é claramente expresso pelo trabalho: o jovem precisa de dinheiro para o seu sustento e da sua família. Entre as jovens que participaram da oficina em 2009, duas delas deixaram as atividades já naquela época, com idade entre 14 e 15 anos, por causa da necessidade de trabalhar - quase sempre em atividades como cuidadoras de crianças ou idosos, domésticas ou babás. Hoje, Angélica busca emprego, talvez como atendente em loja, e Andreska toma conta de crianças, para uma tia e para duas outras pessoas do Dom Bosco, que precisam sair para trabalhar e não têm a opção de creche no bairro para deixar os filhos.

Foto em que Angélica - então com 14 anos - aparece com um rapaz (Figura 1, ao final do texto) traz consigo um pouco de vários elementos presentes na adolescência



feminina no Dom Bosco: percebe-se aí, em foto tomada por outra participante da oficina, que Angélica quer mostrar que é jovem adolescente e também mulher, na companhia de um rapaz que poderia ser seu namorado, ou amigo, em situação na qual o rapaz abraça a moça, em atitude de carinho ou de posse. Angélica nesse momento deixa de ser menina, e assume outro papel social: o de companheira, de mulher, de moça que, além de deixar de ser adolescente, afirma sua opção identitária também em gesto que parece fazer alusão a grupos ligados ao tráfico de drogas.

Religiosidade

Diferente dos aspectos da adolescência, que apareceram o tempo todo nas fotografias, o tema religiosidade foi menos explícito, e menos trabalhado. Mas teve sua relevância expressa, à medida que representa uma temática, que é, inclusive, parte da história do bairro. Considerou-se importante este indicador para a análise do trabalho também pelo fato de as meninas participarem da oficina realizada numa associação espírita. Esse aspecto traz consigo o interesse em relação à religiosidade, ou espiritualidade das meninas, que foram selecionadas para participarem da oficina pelo próprio Grupo Espírita Semente, justamente entre os participantes de uma atividade de evangelização.⁶ É importante ressaltar, no entanto, que o indicador religiosidade não está compreendido aqui apenas como manifestação religiosa-institucional, mas como a necessidade que muitas pessoas têm de alimentar alguma crença, espiritualidade ou transcendência.

Interessante é que nenhuma das meninas entrevistadas se consideram espíritas, embora participem de atividades oferecidas pelo Semente. Angélica segue os preceitos de uma igreja evangélica, e Andreska, da igreja católica. Para elas, o fato da instituição ser de outro segmento religioso não influenciava nas atividades. De fato, a instituição, como outras associações espíritas, não se constitui como igreja ou religião, nem mesmo a atividade de evangelização se configura em proselitismo de qualquer tipo ou reunião mediúnica - realizadas, estas, apenas para quem se considera espírita, e em outras ocasiões. Segundo Angélica, a formação religiosa em sua vida a coloca em situação um pouco diferente dos demais jovens do bairro. Enquanto a maioria deles gosta de festas, baladas e bebidas, ela prefere ficar em casa e ler livros. Mas apesar de

⁶ Entre as principais atividades do Grupo Espírita Semente estão o apoio escolar e as reuniões de evangelização. O apoio reúne cerca de 60 crianças entre 6 e 12 anos, para atividades socioeducativas realizadas no contraturno escolar, e para as quais são oferecidas duas refeições, uma delas o almoço. As reuniões de evangelização acontecem à noite, uma vez por semana, recebem adultos e também jovens inclusive a partir de 13 anos, aos quais o apoio escolar não mais está aberto. As oficinas de audiovisual se constituem, assim, em uma possibilidade de trabalho com esses jovens a partir dos 13 anos, cuja escolha é feita pela instituição.

participar de cultos religiosos toda semana, e gostar muito da igreja que frequenta - a do Reino dos Céus -, suas fotos não tiveram especial conotação religiosa.

Já nas fotografias feitas por Andreska, aparecem duas vezes imagens de figuras religiosas: Jesus Cristo, em um quadro, que fica em sua casa (Figura 2, ao final do texto); e Nossa Senhora, uma estátua da Santa, localizada na parte mais alta do bairro. Ambas as fotografias colocam os santos em posição de destaque. Talvez inconscientemente – por não conhecer técnicas fotográficas, já que era seu primeiro contato com a máquina – a menina tenha elevado estes símbolos religiosos. Ou também porque assumem esse destaque, seja na sua casa, seja no lugar mais alto do bairro.

Como podemos perceber na fotografia de Cristo, o quadro fica mais iluminado e a angulação escolhida pela menina coloca a imagem numa posição de superioridade. E talvez, mesmo sem perceber, a menina tenha “santificado” ainda mais a imagem. Além disso, sua ligação com a religião se expressa no simples “querer fotografar”. O desejo de retratar os dois símbolos religiosos pode nos fazer deduzir que a menina tem alguma ligação intensa com a dimensão religiosa em sua vida.

Em certa medida contrastando com a aparente forte religiosidade, expressa nas fotografias, Andreska revelou gostar muito de festas, de ir a shows, pagodes, e principalmente, de cerveja, hábitos e preferências que não condizem com a imagem que habitualmente associada a jovens que possuem ligação com a religião. A jovem disse participar de festas todo fim de semana. E esta sua característica é comum a muitos jovens do bairro - e de outros segmentos da juventude.

Família

Este indicador está intimamente associado às relações sociais e cotidianas no bairro. No Dom Bosco, os grupos familiares muitas vezes se constituem de tal forma que cabe às mulheres o papel não só de organização doméstica, mas também o de provedora do lar, tendo em vista que é muito comum a figura masculina não estar presente, seja porque não se efetuou um casamento ou união estável - a figura da mãe solteira, que vive com seus parentes e não com o pai da criança, é bastante usual -, seja porque a figura paterna deixou o lar por motivos diversos. Nas fotografias das jovens da oficina, também não aparecem as imagens de família, com exceção de uma atividade realizada especialmente em função do Dia das Mães. Ainda assim, nesse atividade, não aparecem as próprias mães, ou pais, das meninas. As meninas em nenhum momento das entrevistas falaram dos pais. Para nós, isso pode significar certo receio de conversar sobre o assunto, justamente por haver uma relação conflituosa, da qual eles preferem



não falar. Assim, essas jovens parecem sonhar através das imagens: projetar nelas, o que esperam, o que querem como família feliz.

Isso se apresenta na fotografia tirada por Andreska (Figura 3, ao final do texto), que pode representar uma tentativa de projetar um sonho futuro. Para ela, o casamento é muito importante, e é uma forte aspiração em sua vida. Talvez por isso, a imagem do namorado com seus irmãos possa representar uma aspiração futura. Mesmo posicionamento em relação à instituição matrimonial tem Angélica, que “queria casar na Igreja”.

Pobreza

A pobreza é um tema de complexa conceituação. Para Simon Schwartzman (2004), cientista político brasileiro, as causas dessa condição social envolvem

a exploração do trabalho pelo capital, o poder das elites que parasitavam o trabalho alheio e saqueavam os recursos públicos, e a alienação das pessoas, criada pelo sistema de exploração, que impedia que elas tivessem consciência de seus próprios problemas e necessidades (SCHWARTZMAN, 2004).

Os moradores do Dom Bosco são pobres, e dessa forma aparece o bairro no Mapa de Exclusão / Inclusão Social, parte do Atlas Social da Prefeitura de Juiz de Fora (TAVARES, 2006). O estudo do mapeamento fotográfico deste indicador, feito pelas meninas, mostram as disparidades econômicas existentes na região. A falta de estrutura do bairro contrasta diretamente com o luxo dos condomínios no entorno da região. As meninas reclamam da falta de recursos, da falta de uma creche e do descaso público com a região. O que as faz ter algum carinho pelo bairro são as pessoas, pois segundo elas, o Dom Bosco “não tem nada de bonito”.

A pobreza, no entanto, não envolve apenas questões econômicas e estruturais. Ela é um conjunto de fatores, entre os quais uma categoria essencial é a educação. No Dom Bosco, esse quadro não difere das demais populações ditas carentes. A única escola pública do bairro, a Escola Municipal Álvaro Braga de Araújo, possui classes apenas até o 5º ano do ensino fundamental. No ano de 2010 o governo de Minas Gerais fechou a Escola Estadual Dom Orione, que era importante opção no bairro, sob alegação de poucos alunos matriculados.

As autoras das fotografias mostram grande interesse pelo trabalho desde cedo. Andreska fazia trabalhos domésticos em casas de família, desde os 13 anos de idade – situação comum entre jovens do bairro -, e Angélica, agora com 17 anos, está aguardando resposta de entrevista de emprego. Segundo elas, três das demais meninas

que participaram da oficina também estão empregadas, por isso a dificuldade de entrar em contato com elas.

No entanto, observamos que são comuns a várias gerações de mulheres no bairro os serviços de doméstica e babá. A falta de outras opções de trabalho relaciona-se também com a questão da educação. As duas meninas afirmaram estar atrasadas na escola. Com 17 anos, estão cursando a 8ª série. Fazem supletivo, para que possam terminar os estudos, mas não têm perspectiva de dar continuidade a eles. Essa falta de motivação pode ser detectada já na infância, pois precisam se deslocar do bairro para poder estudar após a 5ª série. Ademais, não veem nos grupos sociais de seu entorno a perspectiva de acesso a cursos superiores, colocando seu horizonte quase sempre, no máximo, no acesso a cursos profissionalizantes de ensino médio. Nas palavras das próprias meninas, quanto mais velhas ficam, maior a responsabilidade. As duas moram em casas pequenas, com um número aproximado de dez pessoas. Executam trabalhos domésticos e acabam “sem tempo para estudar”.

As jovens comentaram nas entrevistas que mesmo as fotografias em que aparecem imagens que podem ser consideradas como denúncia foram feitas como brincadeira. Analisando-as, podemos perceber no entanto como a questão da pobreza aparece o tempo todo, mesmo que em segundo plano. Fazem parte de sua realidade, mas, incorporada a seu cotidiano, não merecem maior atenção, como esta foto em que aparece Andreska tendo o bairro ao fundo, e, próximo ao horizonte, à esquerda, o Shopping Independência (Figura 4, ao final do texto). Até porque não são aspectos do bairro que consideram que devam ser mostrados com destaque. Diferente foram as fotos em que elas aparecem ao lado de carros, motocicletas, símbolos de status e de possibilidade de consumo que também estão presentes no Dom Bosco.

Cotidiano

O cotidiano talvez seja o tema mais difícil de ser analisado. Pois todas as fotografias tratam do tema. Ele perpassa todos os outros, que em conjunto, formam o cotidiano da comunidade. As relações sociais do bairro, a ilustração do espaço, a retratação da estrutura local e das pessoas, que ali vivem, descrevem o dia-a-dia do dombosquense.

Fotografias de casas, das ruas, e das próprias meninas e de objetos, que fazem parte da rotina, individual e coletiva do Dom Bosco, foram tiradas pelas meninas, aparentemente sem qualquer propósito narrativo. Angélica diz que, na época da oficina,

tirar fotos era rotina. Mas que a atividade passou muito rápido, e o fotografar virou diversão, ao invés de abstração.

Para ela, outra oficina seria interessante para que elas pudessem experimentar fotografar com propósito mais bem definido. Mas a falta de tempo atrapalha bastante. Já Andreska ressalta como a independência, advinda da idade, a deixa mais feliz: não ter de pedir para os pais para poder sair a faz sentir-se mulher, responsável.

A oficina deixou de fazer parte da vida da jovens, mas suas fotografias, de caráter experimental, mostraram seu olhar para outros moradores do bairro e para quem nunca o conheceu antes. E esta foi uma marca de um período destas meninas, que foi importante para elas, mas deixou de ser parte de seu cotidiano.

O trabalho dessas meninas elucidou uma série de questões. Fatos que, talvez, fotografados por quem não pertence ao bairro, não fossem tão bem percebidos e representados. Todas as fotografias têm um ponto em comum para o Dom Bosco: elas são o presente, congelado em imagens do passado. Neste indicador, portanto, a fotografia torna-se índice de questões e relações diárias. Conectando passado e futuro, ela é a voz destas meninas, para transformar o cotidiano em que estão inseridas.

Se minuciosamente analisadas, elas revelam a essência de uma comunidade. Por essa razão, as duas fotografias, representadas neste último indicador, encerram a fase de análise do trabalho. Como ler uma imagem, após o conhecimento do lugar? Antes de lida ela precisa ser construída. Andreska e Angélica afirmam terem aprendido a fotografar. No entanto, consideramos mais do que isso. Essas meninas foram capazes de passar para a imagem emoções claras e ocultas de uma realidade na qual as relações de familiaridade cotidiana entre os habitantes esconde uma infinidade de relações socioculturais.

A foto do caminhão de lixo (Figura 5, ao final do texto) remete a um dos problemas que o bairro enfrenta pela falta de cuidado da própria população em relação ao ambiente em que vivem - e que se repete em toda a cidade, onde é comum as pessoas acumularem sacos de lixo sem maior cuidado, nos dias de coleta. Esta, por outro lado, acontece em horários incertos, e que não favorecem a organização, por parte dos cidadãos, de como se realizará a coleta. No Dom Bosco, até hoje, parte do bairro não tem coleta de lixo, obrigando os moradores ou a despejarem-no num barranco, ou acumularem grandes quantidades num pedaço estreito de passeio que não é suficiente nem para ser usado como tal.

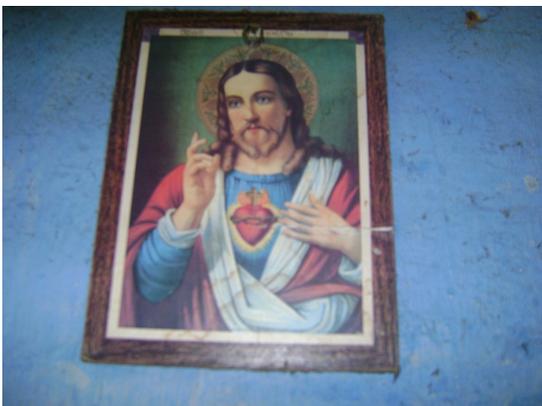
CONCLUSÃO

Os indicadores analisados e discutidos ao longo deste trabalho permitiram compreender um pouco da realidade do Dom Bosco. No entanto, além de entender cada um deles, separadamente, podemos reuni-los todos, em dois grandes temas: memória e identidade. Pois, tanto um, quanto o outro, estão inseridos nas fotografias que representam cada indicador.

As dinâmicas sociais, apresentadas e discutidas, remetem-se ao cotidiano do bairro. No entanto, esse cotidiano está relacionado a vida das jovens que participaram da oficina em 2009, mostrando apenas a visão de uma geração, presente no bairro - e ainda assim de forma pontual. Apenas todas as gerações do bairro juntas são capazes de dar conta de uma visão mais ampla, de conjunto.

Neste sentido, é necessário dar continuidade à produção e análise de novas experiências culturais desenvolvidas pelos próprios moradores. O projeto Comunicação, Memória e Ação Cultural tenta entregar, por meio do registro e da conscientização, uma ferramenta de produção cultural nas mãos dos moradores da região - ação que se dá na perspectiva de uma cidadania cultural, definida por Marilena Chauí como aquela em que "a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos" (CHAUÍ, 2006, p.138) Depois de reconhecido, por ele mesmo, e pela cidade de Juiz de Fora como um todo, esse povo poderá ter voz e reconhecer, que a cultura vai muito além das relações cotidianas: faz parte de nossas mentes e de nossa interação com o mundo. Por isso, se perdida, nos tornamos cegos, de corpo e de alma.

FOTOGRAFIAS



Figuras 2 e 3



Figura 1



Figuras 4 e 5





REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.
- GARRITANO, Eliana Julia de Barros. **O adolescente e a cultura do corpo**. Dissertação, Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2008.
- LIBAULT, André. **GeoCartografia**. São Paulo: Edusp, 1975.
- MARIOSIA, Gilmara Santos. **Negras Memórias da Princesa de Minas**. Juiz de Fora: Ed. FUNALFA, 2009.
- NOBRE, Itamar de Moraes. **Revelando os modos de vida da Ponta do Tubarão: A fotocartografia como uma proposta metodológica**. Natal: Ed. UFRN, 2011.
- OBSERVATÓRIO PERMANENTE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, **Cartografia das desigualdades sociais em Aveiro: contributos para um mapa social do concelho**. [2002]. Disponível em: <http://portal.ua.pt/opds/pdf/cartografia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- PRATTA, Elisângela M. M. e SANTOS, Manoel Antonio. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007
- SANTOS, Marcos Antonio O. e FUSER, Bruno. **A relação entre adolescentes e as tecnologias digitais em um bairro de Juiz de Fora**. Guarapuava: 2009. Disponível em: < <http://www.unicentro.br/redemc/2009/13%20arelacao%20santos%20fuser%20ok.pdf>> Acesso em: 20 abr.2012
- SCWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza**. Notas sobre o paradoxo das desigualdades no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/causasp_files/causasp1.htm e <http://www.schwartzman.org.br/simon/paradoxos.htm>. Acesso: 30/04/2012
- TAVARES, G.M. (org.). **Atlas social – Juiz de Fora: diagnóstico**. Juiz de Fora: Prefeitura de Juiz de Fora; 2006.